

Ficha Técnica:

Título Original: Carta ao Universo

Autora: M. Rose

Copyright © M. Rose

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Revisão: Susana Sousa, Tânia Roberto e Ana Domingues

Edição: Susana Sousa

Design/Diagramação: Tânia Roberto e Ana Marques

Design de Capa: Ana Marques

1ª Edição: fevereiro de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 527353/24

ISBN: 978-940-372-940-4



Para quem acredita que o retorno do Universo chegará em breve

Nota de Autora

Este livro surgiu de uma necessidade de desligar-me de outro projeto. Começou por um escape e algo mais leve do que eu estou habituada. Com o desenvolvimento da obra, descobri que não consigo escrever um romance fofo e senti necessidade de criar algo cruel e atual, algo que fizesse refletir que a culpa não é da vítima, apesar de a nossa sociedade pensar que sim. Achei que a Luna seria a melhor personagem para passar por isto. Quis representar todas as aquelas que sofreram, dar-lhes voz, mostrar os seus medos e desafios do dia-a-dia no seu relacionamento com os outros.

A história é puramente ficção e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Espero que se apaixonem pela Luna e pelo Guillaume, tal como eu, que estes dois vos toquem no coração. Foram meses com eles que resultaram nesta narrativa.

Deixo-vos um aviso: não se apaixonem pelo personagem errado.

Triggers Warnings

Tentativa de Violação

Sexo

Tentativa de homicídio

Assédio no local de trabalho

Sonho é aquilo que lhe chamam?

Eu chamo pesadelo!

O dia sete de agosto começa de forma muito estranha! Vivo com Diego, um amigo que conheci na Universidade. Sempre fomos amigos, mas é muito mulherengo. Somos apenas os dois naquele apartamento, já que Michael deu o passo de ir morar com a sua suposta cara-metade, acabando por terminar a relação pouco tempo depois.

Diego é médico-cirurgião e trabalha por turnos no Centro Hospitalar da cidade. Já não me lembro da última noite que tive companhia para jantar.

Eu trabalho nos recursos humanos de uma multinacional bastante conceituada na região. Não é o meu emprego de sonho, mas aprendi a gostar. Os donos da empresa anunciaram uma promoção, e tenho vindo a trabalhar mais para conseguir esta vaga. Diego levanta-se cedo, ouço a porta a abrir. Insiste que é a hora ideal para ir ao ginásio. Apesar da sua rotina doida, consegue sempre arranjar tempo para ir. Já eu defendo que a melhor hora é após o trabalho, prefiro aproveitar o máximo de tempo para estar na cama.

Ao regressar do ginásio, tenta arrancar-me do meu paraíso entre os lençóis.

— Querida, está na hora de saíres da cama. — Aproxima-se do meu ouvido.

— Só mais cinco minutos.

Atira a roupa de cama para trás, insiste em tirar-me daqui.

— Ei! — Puxo o lençol e embrulho-me nele.

Ele volta a tentar tirar-me, só que sem sucesso. Sobe para a cama e faz-me cócegas. Está difícil respirar debaixo do lençol, por isso liberto-me do que me cobre. Abraça-me e, quando me apercebo, estou deitada sobre ele.

— Vês? Foi fácil conseguir tirar-te do ninho. — De forma carinhosa prende uma madeixa rebelde na minha orelha. — Trouxe o pequeno-almoço da pastelaria da Dona Juliette, uma seleção de miniaturas.

A pastelaria da Dona Juliette é o meu local favorito. E, apesar de ser de uma senhora com uma certa idade e estar próxima da idade da reforma, os seus bolos são divinais. Não imagino onde poderei comer bolos tão bons como os dela quando se aposentar. A Dona Juliette conhece-me desde pequena, pois tem família na aldeia onde cresci. Passo muito tempo na sua pastelaria desde que me mudei para a cidade, que acabou por se tornar uma amiga.

— Quais é que compraste? — Estou tão curiosa como uma criança na noite de Natal à espera para abrir as prendas.

— Se fores até à cozinha, já vês. — Beija-me o rosto, enquanto pronuncia cada palavra.

Levanto-me num ápice e corro para a cozinha para fugir daquela situação. Abro a caixa que contém várias miniaturas dos meus bolos favoritos e o Diego rouba um éclair.

— O senhor doutor tem permissão para comer bolos? — Gozo.

— Uma vez por acaso, não faz mal. — Ri-se.

Olho para os copos das bebidas, que não têm qualquer identificação. Abro-os e deparo-me com *cappuccinos*.

— *Cappuccino*?! Eu devo estar a sonhar. — Coloco a mão em frente à boca para disfarçar o meu espanto. — Tu vais beber isto? Onde está o teu expresso sem açúcar?

— Hoje apeteceu-me. — Tira-me o copo que eu tinha na mão. — Não posso beber sempre o mesmo! — Leva-o aos lábios.

— Onde está o meu amigo médico todo fitness?

Pego no seu braço e levanto-o para alcançar o seu bolso, onde procuro o meu amigo. É incomum o Diego fugir da sua dieta regrada e permitir-se comer este tipo de coisas.

— Estou mesmo aqui! Uma pessoa já não pode fugir da dieta, que é logo atacada.

Terminamos o pequeno-almoço e ele dirige-se para a casa de banho para tomar o seu duche matinal.

Olho para o relógio e constato que são *08h08m*. Ainda tenho imenso tempo até entrar ao serviço. Arrumo a mesa da refeição e vou até ao meu quarto. Faço a cama e preparo-me para escolher o que vou usar naquele dia.

— O que estás a fazer? — Pergunta-me Diego ao entrar no quarto, apenas de toalha enrolada à cintura.

Isto é muito comum dele, quando acaba de sair do duche, tem o vício de sair sem se secar, apenas enrolar a toalha em torno da cintura. Alto, moreno de olhos castanhos e com um corpo de meter inveja, ele é um autêntico modelo, poderia muito bem ser capa de revista.

Eu sou uma mulher considerada alta, morena de olhos azuis e muito magra, demasiado magra. Esta magreza deve-se à minha genética, tenho dificuldades em engordar. O Diego sempre me tentou ajudar, mas nunca conseguiu engordar mais que dois ou três quilos.

O meu pé fica preso à perna da cama e observo tudo a acontecer em câmara lenta. Ele aproxima-se e agarra-me para que eu não caia.

— És mesmo desastrada! — Abraça-me. — Tu não eras a minha Luna, se não fosses tão desajeitada. Como é que consegues tropeçar na cama?

— Aconteceu. — Escondo o meu rosto no seu peito e inspiro o perfume do seu gel de banho, cheira a madeiras com frutas cítricas.

— Tenho de me ir arranjar!

Afasto-me e aproximo-me do meu armário. Ele percebe a deixa e sai do quarto, deixando-me a sós com os meus pensamentos. Apresso-me a escolher a roupa, para ir tomar duche. O meu quarto é o único que tem casa de banho integrada. Entro no chuveiro, após temperar a água, deixo-a escorrer pelo meu corpo e, minutos depois, a porta da *box* abre-se, e o Diego entra como se nada fosse.

— O que estás aqui a fazer? — Viro-me para ele.

O meu olhar percorre o seu corpo nu. Engulo a seco e volto a olhá-lo nos olhos.

— Preciso de fazer isto, Luna. Não posso continuar a fingir.

Encosta-me à parede e cola os seus lábios nos meus, com delicadeza. Sinto o cheiro a vodka no seu hálito. Ele esteve a beber logo de manhã! A água corre sobre nós.

— Diego... — Solto, após ele beijar-me o pescoço.

O seu corpo reage à minha voz. Ao senti-lo, o meu corpo começa a tremer. O meu coração acelera e sinto que isto não é correto.

— Por favor, para! — Imploro.

Ele para, olha para mim, sorri e deposita-me um beijo na fronte.

— Eu vou esperar por ti, querida!

É as únicas palavras que diz, antes de sair e deixar-me terminar o duche. Respiro fundo, tentando controlar a minha reação. O meu corpo continua a tremer, ao lembrar-me do que se passou naquela fatídica noite. Continuo a tentar acalmar a minha respiração, tomar as rédeas do ataque de pânico que estou prestes a ter, se não me controlar. O coração abranda lentamente. Após todos estes anos, não sei como é que ainda continuo a ter estas reações. Olho para o abdómen e solto um longo e demorado suspiro.

Tu nunca vais deixar que ninguém se aproxime de ti, alerta a minha mente. Nunca vais conseguir ser feliz ao lado de alguém!

Encosto a cabeça aos azulejos e permito-me chorar. Depois de tanto tempo, não consigo entender como é que aquilo ainda mexe comigo.

Os atrasos nunca são bons

Quando regresso ao quarto, pego no meu telemóvel e deparo-me com as 08h30m. Eu estou atrasada!

— Merda! — Grito.

Batem à porta, como não respondo, Diego entra.

— O que se passa? Algum fogo para apagares?

Sinto o seu olhar sobre mim, enquanto estou a tentar enfiar as calças do fato à pressa. Estou apenas em roupa interior.

— Tenho meia hora para estar na empresa e não me posso dar ao luxo de me atrasar. — Pego na minha blusa e começo a vesti-la. — Não quando uma promoção está iminente.

— Calma, querida! — Aproxima-se e rodeia-me com os braços.

Assinto, ao desprender-me do seu abraço. Não quero estar perto dele, depois do que se passou. Corro para a casa de banho para tratar da minha pele e do meu cabelo. Consigo estar apresentável em pouco mais de cinco minutos. Olho para o meu estojo de maquilhagem quando entro no quarto, mas opto por não perder mais tempo. Desvio o meu olhar para Diego sentado na minha cama com o telemóvel na mão.

— Estou pronta!

Diego levanta o olhar do aparelho.

— Estás linda!

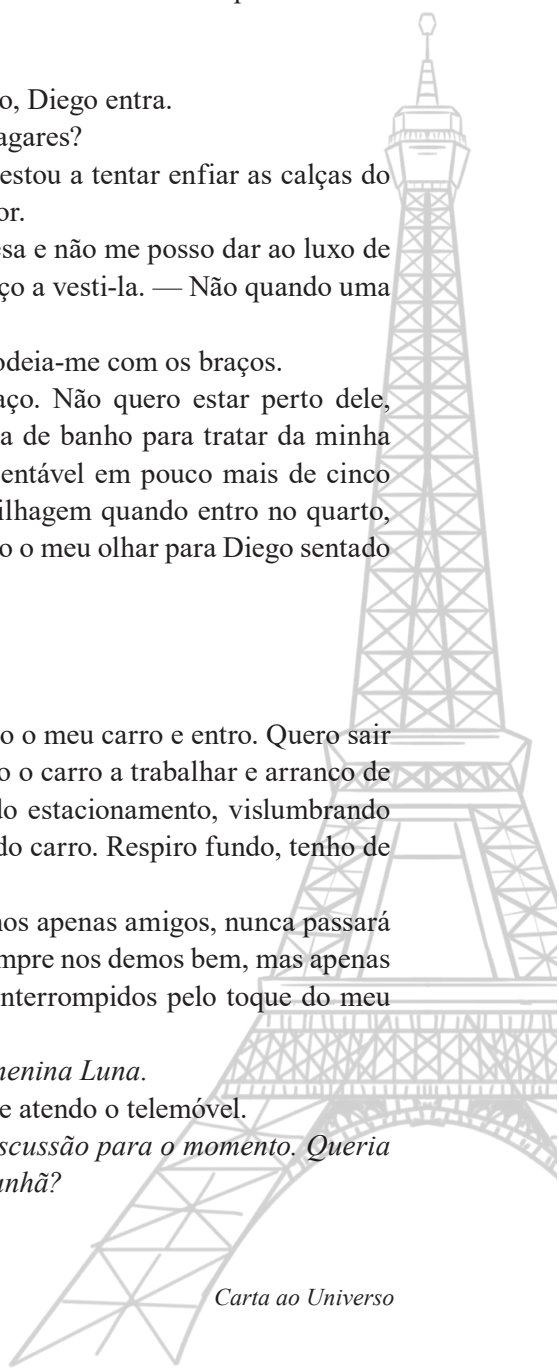
Sáímos juntos do apartamento, destranco o meu carro e entro. Quero sair de perto dele o mais rápido possível. Coloco o carro a trabalhar e arranco de imediato. Olho pelo retrovisor, após sair do estacionamento, vislumbrando Diego parado a acompanhar o movimento do carro. Respiro fundo, tenho de tirar aquela imagem da cabeça.

Ele não pode estar a fazer isto! Nós somos apenas amigos, nunca passará disso. Não quero estragar uma amizade. Sempre nos demos bem, mas apenas como amigos. Os meus pensamentos são interrompidos pelo toque do meu telemóvel.

— *Olá, olá! Ainda bem que te apanho menina Luna.*

— Alô Michael! Até parece que nunca te atendo o telemóvel.

— *Depende dos dias, mas isso não é discussão para o momento. Queria saber se alinhavas num jantar de amigos amanhã?*



— Jantar de amigos? Quem vai?

— *Ora bem, estava a pensar em convidar-te a ti e ao Diego como nos velhos tempos.*

— Não! — Grito.

— *O que se passa, Luna?*

Acabo por lhe contar o que se passou naquela manhã, não poupando os pormenores.

— *O Diego não o deveria ter feito!*

— Só que fá-lo. Eu não posso crer que ele pensou que aquilo era uma boa ideia!

— *E o que vais fazer agora?*

— Vou começar a ter mais cuidado em casa.

— *Mags, isso não deve funcionar assim. Vocês têm de, no mínimo, conversar um com o outro. Esclarecer as coisas...*

— Não há nada para conversar, Michael. Eu apenas quero esquecer que aquilo aconteceu. Somos apenas duas pessoas que partilham uma casa.

— *Isso é tão típico vosso. — Ri-se. — Vocês vão viver com esse elefante na sala durante meses. Ou não te lembras do que aconteceu quando ele levou aquela rapariga lá a casa e ela utilizou as tuas coisas?*

Solto um som de vômito, fazendo o Michael dar uma enorme gargalhada sonora.

— *Vocês estiveram meses sem tocar no assunto que incomodava os dois. Ele queria pedir-te desculpa, mas não sabia como abordar o assunto. Vocês estavam ambos desconfortáveis.*

— Ela usou as minhas coisas, Michael. Ela não tinha de usar o meu gel de duche ou o creme de corpo. Se eu não me apercebesse que ela estava na minha casa de banho, que mais poderia ela ter usado?

— *Eu sei que foi um pouco mau, mas vocês tiveram meses sem comunicar e a ignorar o assunto!*

— Pois, e este será outro para ignorar. Eu não quero falar com ele! E, muito menos que se aproxime de mim.

— *Tu lá sabes! — Faz uma breve pausa. — Mas jantar a dois, amanhã, o que me dizes?*

— Nesses termos, aceito!

Quando me apercebo, já estou a entrar no estacionamento da empresa. Estaciono numa vaga perto da porta. Hoje deve ser o meu dia de sorte, nunca consigo arranjar uma vaga tão perto.

— Michael, falamos depois. Cheguei agora à empresa.

— *Tem um ótimo dia, Mags. — Desligo o motor do carro e apresso-me a*

pegar no telemóvel, para me despedir dele. — *Arrasa com eles! A promoção é tua. Tu és a pessoa ideal para o novo cargo.*

Um sorriso apodera-se dos meus lábios. Só de me imaginar a exercer um novo cargo, faz-me esquecer tudo à minha volta. Desvio o olhar para o estacionamento, dando de caras com o meu rival — Aidan — com um fato verde-escuro e uma camisa branca. Para contrastar, usa sempre sapatilhas. Os seus olhos castanhos-escuros, estão protegidos pelos óculos. O cabelo escuro, desgrenhado, dá-lhe um ar de quem acabou de sair da cama. Todo ele é uma contradição. Observo-o a aproximar-se da entrada do prédio. Assim que se apercebe da minha presença, dirige-me uma cara de enjoado e começa a correr.

— Não vai acontecer. Ele não vai chegar primeiro!

— *Quem?*

— O Aidan!

Michael ri-se por conhecer a nossa disputa. Aidan é um dos colegas mais irritantes que se pode ter. Muito metódico e assíduo, faz dele a pessoa mais detestável na empresa. Tal como eu, foi um dos indicados à promoção,

— *Não te atrapalhes por mim. Vai lá ganhar mais uma guerra contra ele!* — Michael ri-se.

Desligo o telemóvel e, corro para chegar à entrada primeiro, sem sucesso. Chegamos ao mesmo tempo e dirigimo-nos para os elevadores.

— Bom dia, Luna! Esqueceste-te de algo hoje.

— Bom dia, Aidan! O que é que me esqueci?

As pessoas não gostam de estar no mesmo espaço que nós, e fogem quando nos veem juntos, portanto só nos encontramos os dois no elevador.

— Aquela coisa que metes nos lábios e que te deixa super convencida. — Desdenha.

Abro a mala, retiro o batom vermelho e o espelho. Aquele vermelho bastante chamativo, que faz todas as pessoas olharem. Eu não gosto dessa sensação, apenas o uso para irritar Aidan, que cerra os maxilares e estreita o olhar quando o faço.

— Pensei em aplicá-lo agora. — Digo-lhe assim que as portas do elevador se fecham.

Abro o espelho e o batom. Olho-me ao espelho e aproximo o aplicador do lábio inferior.

— Fazes mesmo de propósito, não fazes? — Questiona-me, antes mesmo de tocar no lábio.

— Não sei do que falas. — Respondo-lhe inocentemente. — Eu esqueci-me de aplicar batom antes de sair de casa, ainda bem que me lembraste.

Aidan passa as mãos pelo cabelo puxando-o para trás. Hoje foi muito fácil irritá-lo. Sorriu e fecho o batom invés de o aplicar.

— Sabes o quanto és provocadora? — Faço-me de inocente. Aproxima-se de mim, encurtando a distância. Afasto-me e ele encurrala-me contra a parede do elevador. — Continuo sem entender, como é que me desprezas assim.

— Eu tenho namorado!

Ele ri-se, aproximando-se mais de mim.

— Pensas que eu acredito nisso? — A nossa distância é tão pequena que consigo sentir-lhe a respiração.

— Eu e o Diego estamos juntos, Aidan.

Eu não devia mentir, só que eu preciso do meu espaço. Já tive imensas emoções para um dia só.

Eu e o Aidan nem sempre fomos assim. Conhecemo-nos na época da universidade de Administração e envolvemo-nos. Eu estava apaixonada, mas ele tinha dificuldades em assumir uma relação séria. Dizia-me que não se sentia preparado e acabámos por nos afastar. O Aidan continuou a fazer parte da minha vida como colega de curso e pertencia ao mesmo grupo de amigos. Após terminar o curso, candidatei-me a esta empresa. Quando fiz a entrevista, descobri que ele também estava a concorrer a uma das vagas. Fomos os dois selecionados e trabalhamos juntos. Desde o primeiro dia, que é hostil e arrogante comigo. Estamos sempre em competição. Pensando bem, não é mau de todo, estamos sempre a desafiarmo-nos a querer ser melhor. Ele conhece-me o suficiente para saber de algumas das minhas facetas. Basta ver-me entrar para saber se é um bom dia para se meter comigo ou para me ignorar. Tudo depende do meu humor e da sua capacidade para lidar comigo.

— Devias acabar com ele. — Aconselha-me. — Ele não te merece.

— Porquê?

Ele afasta-se para bloquear o elevador. Desde que começámos a trabalhar juntos o elevador continua a ser o local onde temos as conversas mais embaraçosas e íntimas.

— Ele não é de confiança, Mags. — É um dos poucos que ainda me chama assim, além de Michael. — Eu não confio nem um pouco nele. Sabes a fama que ele tinha quando o conheceste?

Eu sei muito bem da fama do Diego, só que foi um mal menor para me livrar da pressão do Aidan.

— Mas isso não significa que ele não tenha mudado.

Mais uma mentira, a juntar a todas as que lhe contei.

— A sério? — Exalta-se. — Tu acreditas que és a única na vida dele?

Aproxima-se de mim, encostando-me de novo à parede do elevador. Eu não tenho medo dele, apenas preciso do meu espaço pessoal.

— Nós moramos juntos há muito tempo. Por que não dar uma oportunidade a isso?

A sua boca está a poucos centímetros da minha. A sua respiração começa a ficar descontrolada. Aidan pega numa madeixa rebelde e prende-a atrás da minha orelha. Aproxima-se ainda mais, até ficar muito próximo de mim. Se me mover, os meus lábios tocam nos dele.

— Eu estou numa relação! — Digo com calma.

Ele afasta-se e coloca o elevador a andar.

— Depois não digas que não te avisei. — Suspira. — Espero que não te magoes.

O elevador chega ao andar pretendido. As portas abrem-se. Evan, o COO¹ da empresa, está à nossa espera de braços cruzados.

— Estão atrasados!

¹ Chief Operating Officer – é o diretor de operações e o braço direito do diretor executivo. É o seu suplente quando ele não pode participar num compromisso.

Satanás!

Saio do elevador.
— Bom dia!

— Bom dia! O elevador ficou preso, Evan. — Diz Aidan ao sair do elevador. — Acho que devias chamar a manutenção. — Bate-lhe no ombro.

— A manutenção esteve cá na semana passada, os elevadores estavam a funcionar perfeitamente. — O COO franze o sobrolho. — Vocês estiveram a discutir no elevador, de novo?

Não é nenhuma novidade.

— Não. — Prossegue Aidan com cara de enjoado. — A Luna esteve-me a contar as novidades.

— Que novidades?

Aidan afasta-se sorrindo, deixando-me com a bomba nas mãos. Não é nada de mais. Não posso permitir que ele me abale.

— Eu e o Diego começamos a namorar. — Comunico-lhe com pouca convicção.

Esta mentira está a tornar-se uma bola de neve. Preciso de travar isso. Evan fica felicíssimo com a notícia.

— Parabéns! Tu mereces, Luna. Quando é que isso aconteceu?

— Esta manhã. — Suspiro.

— Não pareces muito animada.

— Eu estava animada. Mas o Satanás do Aidan conseguiu deixar-me de mau humor.

— Satanás?

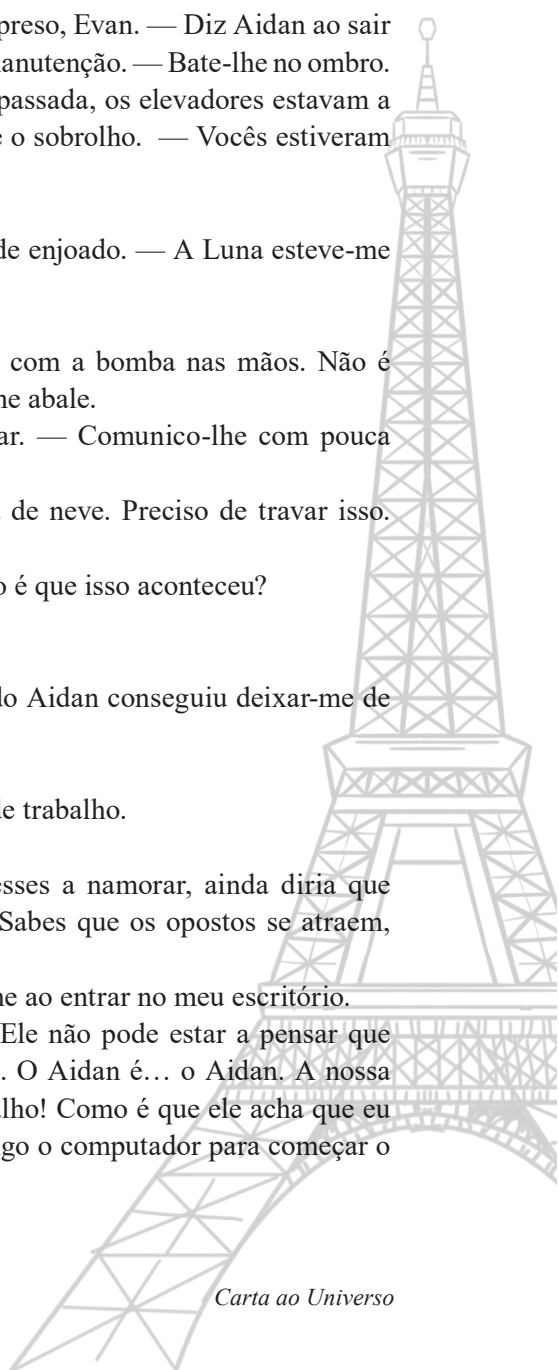
Começo a afastar-me para o meu local de trabalho.

— Não sabes como é que nós somos?

— Vocês são o inferno! Se não estivesses a namorar, ainda diria que haveria aí algum sentimento entre vocês. Sabes que os opostos se atraem, Luna? — Grita.

— Bom trabalho, Evan! — Respondo-lhe ao entrar no meu escritório.

O Evan bateu com a cabeça, só pode! Ele não pode estar a pensar que eu tenho algum sentimento pelo meu rival. O Aidan é... o Aidan. A nossa relação é apenas de meros colegas de trabalho! Como é que ele acha que eu poderia sentir alguma coisa pelo Aidan? Ligo o computador para começar o meu dia de trabalho.



Tenho de me manter ocupada até chegar a hora da entrevista, que será só ao início da tarde. E nada melhor que o trabalho para me distrair.

São *11h11m* e a manhã está a correr muito bem. Encontro-me tranquila e o trabalho está a fluir.

— Alguém está muito calma! — Ouço atrás de mim.

*Não deveria brincar
com o fogo.*

Ou deveria?

Não preciso de desviar o olhar do que estou a fazer para saber que Aidan está encostado ao aro da porta do meu escritório. Ele é mesmo irritante!

— Não deverias estar a trabalhar? — Levanto o olhar.

— Deveria, mas apeteceu-me ver como estava a minha rival. Vinha desafiar-te.

— Desafiar-me?

— Acho que podíamos apimentar esta questão da promoção.

— Apimentar? — Estou receosa com a ideia, dele já espero tudo.

— Sim.

Desencosta-se e entra no gabinete, fechando a porta.

— Eu dei-te permissão para entrares?

— Mags, não precisamos dessas formalidades entre nós. — Passa a mão sobre o meu braço. — Nós conhecemo-nos há tempo suficiente, para eu saber que tu não me fecharias a porta na cara.

— O que queres? — Cruzo os braços.

— Apenas fazer uma aposta contigo.

— Que tipo de aposta?

— Se eu for o escolhido, sairás comigo.

— Nem nos teus sonhos, Aidan! — Retruco.

— Se fores tu... — Bate com dedo na sua bochecha, como faz quando pensa. — Pedirei a demissão.

— Estás assim tão confiante que irás ganhar? — Assente. — Por muito que eu tivesse interesse em te ver a milhas, não posso permitir que peças a demissão. Não é correto, Aidan. E muito menos sairei contigo.

Encurta a nossa distância.

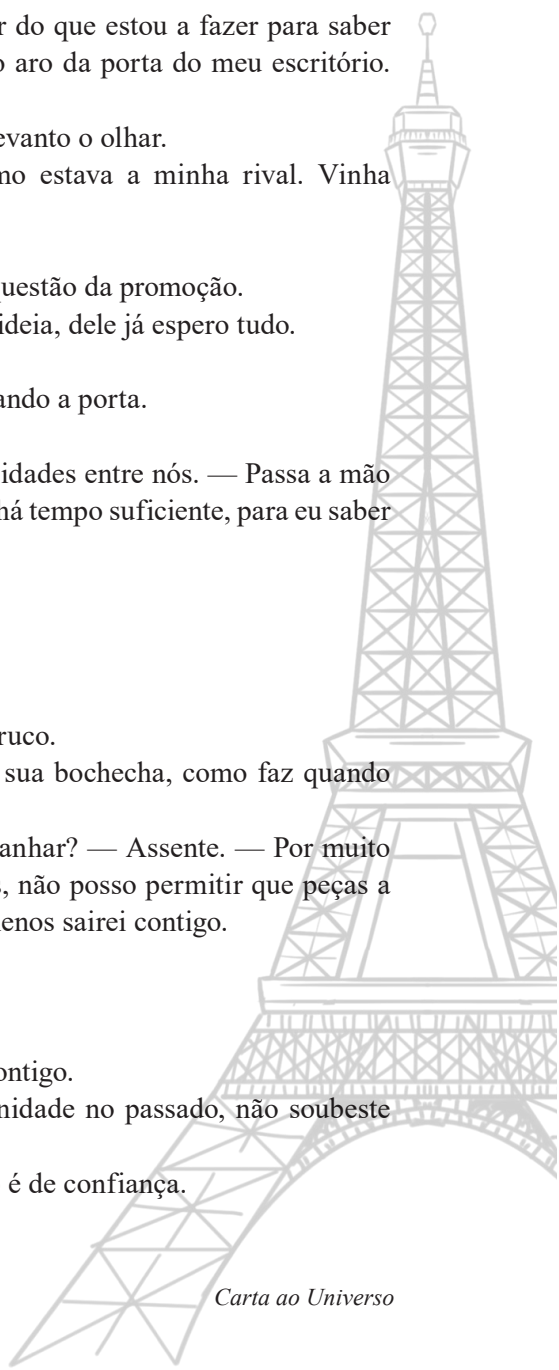
— Mags...

— O que queres?

— Quero uma oportunidade para sair contigo.

— Não, Aidan. Já tiveste a tua oportunidade no passado, não soubeste agarrá-la. — Suspiro.

— Ainda te vou provar que o Diego não é de confiança.



— Estás obcecado...

Aidan encurta a distância entre nós, deixando-me sem fala. Fixa o olhar em mim. Aqueles olhos castanhos-escuros não me deixam desviar o olhar. Não tenho intenções de ser a primeira a desviar, para não lhe dar a parte fraca. Quero entender até onde é capaz de ir. Ao fim de uma eternidade, ele desvia o olhar.

— Esquece. — Passa a mão pelo rosto, antes de voltar a olhar-me nos olhos. — Ainda queres apimentar a aposta? Tenho uma nova sugestão.

— Depende do que tenhas para oferecer...

Dou um passo atrás. Aquela distância estava a deixar-me desconfortável.

— Se eu for o selecionado, terei de escolher uma pessoa para ser o meu braço direito. Certo? — Anuo. — Serás tu o meu braço direito. Será ótimo ter a oportunidade de mandar em ti. — Esfrega as mãos.

— Se for eu, serás tu o meu braço direito. — Contraponho.

Ele estende a mão e aperto-a para selar a nossa aposta. Um de nós irá mandar no outro. Talvez não devesse brincar com o fogo, mas só de pensar que poderei ser a superior do Aidan, alegra-me o dia.